

O SERTÃO EM PROSA E VERSO: TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NO CERRADO MINEIRO DESCRITAS PELA LITERATURA DOS POETAS E DOS CANCIONEIROS POPULARES

Naiara Cristina Azevedo Vinaud
Universidade Federal de Uberlândia
naiarageo@yahoo.com.br

Alécio Perini Martins
Universidade Federal de Uberlândia
alecioperini@yahoo.com.br

Fernanda Ribeiro Amaro
Universidade Federal de Uberlândia
feribama@hotmail.com

RESUMO

Este artigo busca, por meio de um raio-x no processo de "desconstrução" e "reconstrução" da região central do país, do Sertão das lembranças à Brasília sem passado, representar a realidade sertaneja em verso e prosa no que tange à percepção sensível e também aos fatos. O sertão-lugar é relacionado com a linguagem e com aspectos sócio-culturais, revelando nas vozes de grandes autores e poetas, especialmente João Guimarães Rosa, vários sertões. Estabelecendo um retrato das principais transformações econômicas, geográficas e culturais do Cerrado, em foco aqui o mineiro, pelo intenso processo de ocupação, este artigo relata o drama e a luta do sertanejo: para preservar o potencial do cerrado, para imortalizar a memória e a linguagem desta terra e, principalmente, para manter a identidade tão rica e misteriosa que brota deste "desertão".

Palavras-chave: Geografia, Literatura, Sertão, Cerrado, Identidade.

THE HINTERLAND IN CHATS AND VERSE: OCCURED TRANSFORMATIONS IN THE MINING OPEN PASTURE DESCRIBED FOR THE LITERATURE OF THE POETS AND THE POPULAR CANCIONEIROS

ABSTRACT

This article seeks, through an x-ray on the process of "deconstruction" and "rebuild" of the central region of the country, from the remembrance's backlands to a Brasília without past, to represent the backlands people's reality in poetry and prose in relation of sensitive perception and also in relation to the facts. The backlands-place is connected with the language and with the social-cultural aspects, showing through the great poets and writers, especially João Guimarães Rosa, many kinds of backlands. Drawing a picture of the main economic, geographic and cultural changes of the "Cerrado", here of the Minas Gerais in point, by the intense process of occupation, this article tells the backlands people's drama and struggle: to preserve the "cerrado", to keep the memory and language of this land and, mostly, to maintain their so rich and mysterious identity that sprouts of this "desertão".

Keywords: Geography, Literature, "Sertão", "Cerrado", Identity.

INTRODUÇÃO

Quando Antônio Conselheiro profetizou “o sertão vai virar mar”, talvez se referisse às mudanças pelas quais os vastos espaços do Brasil Central, ocupados pelos cerrados e denominados por muitos estudiosos como “sertão”, passaram principalmente a partir da década de 1950 com a construção de Brasília e a mudança do governo do país, do litoral para o coração do Brasil.

O Sertão é um termo aberto usado para designar uma multiplicidade de sentidos, que se estendem desde o plano material, relacionado a uma fisionomia da paisagem natural, ou seja à fisionomia dos Cerrados, ao plano imaterial, que corresponde à natureza humana, os sentimentos identitários e metáforas.

Dessa forma, a palavra sertão é um recipiente no qual se tenta expressar universos complexos e complementares entre si. O espaço geográfico do sertão determina a afetabilidade de cada ser social que o habita e logo, a afetividade existente determinada por ele, que dá fruto aos modos de vida do povo sertanejo.

Roland Barthes em discurso inaugural de posse no Collège de France, publicado posteriormente em livro sob o título de *Aula*, afirma que “a literatura faz girar os saberes” (1999, p. 15). Dessa forma, a realidade sertaneja é representada em versos e prosas no que tange à percepção sensível e também aos fatos, que muitas vezes não são traduzíveis à estrutura de poder das palavras, que são fatos históricos, mas também inerentes à sensibilidade humana. “O objeto que inscreve o poder desde toda eternidade humana é: a linguagem – ou, para ser mais preciso sua expressão obrigatória: a língua”. (BARTHES, 1999, p. 12).

O espaço como linguagem é a percepção daquele que o habita na projeção de usos. O habitante, por conseguinte, é estabelecido como aquele agente que transforma a paisagem e é por ela transformado simultaneamente. O habitante absorve imagens e fragmentos do espaço para transformá-lo em enunciados que representam suas experiências, que são responsáveis pela transformação do espaço geográfico em “lugar”.

“Lugar Sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade.” (ROSA, 2001, p. 24).

Quando um poeta sugere uma metáfora ou trocadilho para representar o sertão, coloca-se à frente de sua mensagem, numa percepção autoral do espaço que deriva de sua subjetividade e forma particular de olhar e habitar o mundo.

O sertão, construído por diversos agentes sociais, é representado com maior fidelidade por aqueles que ali habitam, vêem, ouvem e, principalmente, sentem esse espaço tão singular do território brasileiro. Grande parte dos estudos realizados sobre o sertão foram feitos por autores que ali conviveram e desenvolveram grandes obras de caráter memorialista, buscando resgatar as vozes do passado e preservar a história do lugar. Relembrando os estudos do geógrafo humanista Yu Fu Tuan, o sertão configura-se em lugar, que ainda conserva aspectos humanos, sociais e ecológicos notáveis, no momento da pausa no constante movimento representado pelo espaço.

Embora a origem do vocábulo ‘sertão’ desperte controvérsias entre alguns autores, a explicação mais aceita é a de Ribeiro (2000), que afirma que a palavra é proveniente do vocábulo ‘desertão’, que transmite uma idéia de um vasto território praticamente desocupado, com uma forma de ocupação precária e uma população reduzida e esparsa. Para o estudioso Darcy Ribeiro, o sertão é “nosso mar interior”.

A idéia de vastos espaços e vazios urbanos foi, durante muito tempo, referida ao Cerrado brasileiro, visto que a ocupação do território nacional iniciou-se no litoral e só marchou para o oeste no século XX, após alguns marcos, como a construção das Linhas Telegráficas e Estratégicas (1904), pelo Marechal Rondon; o projeto de Colonização dos Cerrados, no Governo Vargas; a Criação da Fundação Brasil Central (1943); a abertura da estrada Belém-Brasília, na década de 60; e, principalmente, após o Plano de Metas (modernização e desenvolvimento), no Governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira. A mudança da capital brasileira do Rio de Janeiro para Brasília (inaugurada em 1960) provocou uma expansão populacional avassaladora no Planalto Central.

No início da colonização dos Cerrados, no século XVIII, as incursões eram feitas pelos rios e veredas, que foram imortalizados na obra *Grande Sertão: Veredas*, do mineiro João Guimarães Rosa. As características desse espaço encontram-se nesta obra:

“Um dia, sem dizer o que a quem, montei a cavalo e saí, a vão, escapado. Arte que eu caçava outra gente, diferente. E marchei duas léguas. O mundo estava vazio. Boi e boi. Boi e campo. Atravessei o ribeirão verde, com os umbuzeiros e ingazeiros debruçados. ‘Quanto mais ando, querendo pessoas, parece que entro mais no sozinho do vago...’ foi o que pensei, na ocasião”. (Rosa, Guimarães. 2001:219).

Guimarães Rosa propôs diversas definições poéticas para o Sertão. Enunciamos algumas encontradas na obra *Grande Sertão: Veredas*: “Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar”. (ROSA, 2001, p. 17); “Sertão é dentro da gente.” (ROSA, 2001, p. 270); “O sertão é bom. Tudo aqui é perdido, tudo aqui é achado...” (ROSA, 2001, p. 460); “O sertão não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acena. Mas o sertão de repente se estremece, debaixo da gente...” (ROSA, 2001, p. 461); “Porque o sertão se sabe só por alto. Mas, ou ele ajuda, com enorme poder, ou é traiçoeiro muito desastroso. (ROSA, 2001, p. 470); “Sertanejos, mire veja: o sertão é uma espera enorme.” (ROSA, 2001, p. 509).

Essa configuração da região central do país sofre uma rápida “desconstrução” ou até uma “reconstrução” a partir do momento em que Juscelino Kubitschek transfere a capital do país para o Planalto Central, mudança que tornou necessária a construção de rodovias e ferrovias ligando as regiões sudeste, sul, norte e nordeste do país à nova capital, levando a região a um rápido processo de desenvolvimento e, concomitantemente, de perda de identidade a partir do momento em que atrai migrantes de diversas partes do país. Na voz do principal personagem de *Grande Sertão: Veredas*, Riobaldo “diz-se que o governo está mandando abrir boa estrada rodageira, de Pirapora a Paracatu, por aí...”. (ROSA, 2001, p. 43).

Esta região de Pirapora e Várzea da Palma chamava-se anteriormente Barra do Guaicuí, é muito importante, por ser cortada pelo principal afluente do Rio São Francisco, o Rio das Velhas¹, formado por 761 quilômetros, numa bacia de aproximadamente 39 mil quilômetros quadrados, localizados em 51 municípios mineiros, constituindo-se na espinha vertebral de Minas Gerais.

A região foi representada pelo poeta Hélio Pellegrino da seguinte maneira:

“No espinhaço da serra
O tempo deixa de respirar

A grande síncope desvenda
A verdade da pedra

O espinhaço infinito desata
O silêncio de Deus

A montanha tamanha
Trespasada de azul
Torna leve a eternidade

Pedra sabão pedra balão
- no ar”.
(Pellegrino, 2002, p. 19)

A nova capital, Brasília, configura-se numa cidade sem passado, contradizendo a noção de sertão, lugar onde as lembranças e as imagens vividas deveriam ser resgatadas e passadas para as próximas gerações.

Ao abordar especificamente o “sertão mineiro” trabalhado na obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, que abrange áreas do centro-oeste, norte e noroeste do Estado de Minas

¹ Não confundir com o Rio Araguari no Triângulo Mineiro apelidado com o mesmo nome.

Gerais, as influências sofridas pela construção de Brasília não foram tão marcantes como as sofridas pelo Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (oeste de Minas Gerais) e pelo centro-sul do estado de Goiás.

A estrutura organizacional do sertão mineiro continuava alicerçada nas grandes fazendas de gado, propriedades herdadas dos tempos do Brasil Colônia, do Sistema de Capitânicas Hereditárias, e do Período do Ciclo do Ouro, época em que muitas famílias mineiras acumularam riquezas. As cidades eram, em sua maioria de pequeno porte e a agricultura realizada de maneira tradicional, praticamente da mesma maneira que era praticada no século XVIII.

O que realmente veio a interferir nessa estrutura sócio-cultural foram os programas lançados pelo Governo Estadual como o PCI (Programa de Crédito Integrado e Incorporação dos Cerrados), que atendeu regiões como as do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba, Paracatu, Metalúrgica, Alto São Francisco e Médio São Francisco (Pessôa & Silva, 1999:37); e o PADAO (Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba), que funcionaram como ponto de partida para a instalação dos Planos Nacionais de Desenvolvimento (I e II) pelo Governo Federal, principalmente, o II PND, já no período da ditadura militar, no final da década de 1960 e início da década de 1970. Impulsionados pelo advento da “Revolução Verde”, estes planos lançaram uma série de medidas e programas visando a colonização e o desenvolvimento das áreas de cerrado, entre eles, o POLOCENTRO (Programa de Desenvolvimento dos Cerrados), um dos principais programas governamentais de desenvolvimento, que atendeu, além do cerrado mineiro, áreas de cerrado dos estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, e o PRODECER I (Programa de Cooperação Nipo-brasileiro para o Desenvolvimento dos Cerrados), que só no Estado de Minas Gerais abarcou uma área de aproximadamente 70.000 ha (Pessôa & Silva, 1999).

De acordo com as considerações de Pessôa (1988) e Pessôa & Silva (1999), a expansão da fronteira agrícola do centro-sul para a região dos cerrados foi impulsionada por diversos fatores, sendo os principais: a proximidade dessas áreas com os grandes centros consumidores do centro-sul do país; a topografia plana, que facilita a mecanização e a utilização de modernas técnicas de irrigação; a abundância em recursos hídricos e reservas de calcário; e a grande extensão de terras ditas como “improdutivas”, entre outros.

Visto por muitos e, inclusive, pelo governo militar, como uma imensidão de terras improdutivas e pouco férteis, o cerrado mineiro passa a ser alvo, nas décadas de 1960/70 de vultuosos investimentos em pesquisas e programas de ocupação dirigida, que realocaram para a região produtores do sul do país (principalmente gaúchos e paranaenses) e descendentes de japoneses que, subsidiados pelo governo federal, agências bancárias e grandes multinacionais, passaram a desenvolver uma moderna agricultura na região, rompendo com os antigos moldes da agricultura tradicional, baseada nas grandes propriedades criadoras de gado de forma extensiva e nas pequenas propriedades familiares, localizadas nas áreas mais férteis. Assim, o grande sertão eternizado na obra de Guimarães Rosa e de tantos outros autores, começa a se transfigurar em um espaço marcado pelas grandes propriedades capitalistas, com produção moderna e voltada à exportação; os antigos proprietários se tornam empregados nessas propriedades ou se deslocam para as grandes, médias e pequenas cidades da região para engrossar a massa de trabalhadores mal-remunerados ou desempregados; alguns símbolos da cultura dos migrantes como o chimarrão, vestimentas, músicas e vocábulos vão sendo mescladas às antigas tradições dos “desbravadores” dos sertões, provocando uma miscigenação cultural ou mesmo um processo de “aculturação”, de perda de identidade.

Apesar dos inúmeros benefícios que esses programas levaram ao cerrado mineiro, como melhorias no setor terciário, na infra-estrutura do campo e das cidades, na geração de empregos, nos meios de comunicação, e no desenvolvimento associativo e tecnológico, como listam Pessôa & Silva (1999), a região também perdeu em alguns quesitos e as maiores perdas podem ser observadas na questão da distribuição das terras e das riquezas por elas produzidas, nas relações de trabalho e nas manifestações culturais, sendo que, essas últimas, hoje são tratadas como movimentos de resistência, enquanto que, por exemplo, na cidade de Iraí de Minas (Alto Paranaíba), é realizada anualmente uma festa que celebra as tradições gaúchas, já que a cidade constituiu-se numa das áreas do projeto-piloto do PRODECER I (Pessôa & Silva, 1999).

A colonização e desenvolvimento do Norte e Nordeste de Minas, onde os cerrados começam a se misturar a paisagens típicas da Caatinga, vegetação predominante no semi-árido brasileiro,

era gerenciada pela Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE – já que, observadas as características físicas, climáticas e socioeconômicas da região, esta se assemelha mais com a região Nordeste do que com a Sudeste, na qual está inserida. Sendo que, 86 municípios do Norte de Minas e 54 do Vale do Jequitinhonha fazem parte da área de Atuação da Sudene e, apesar das adversidades impostas pelo clima semi-árido apresentam um grande potencial para o turismo e para o ecoturismo, já que aí se localizam cidades como a histórica Grão Mogol e o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, que recebeu esse nome por ter sido uma das áreas percorridas pelo escritor João Guimarães Rosa em sua travessia pelo sertão mineiro. Os principais incentivos financeiros são de responsabilidade do Banco do Nordeste que, junto com a SUDENE, foi o responsável pelo significativo processo de desenvolvimento econômico dessa região, pautado na fruticultura irrigada no Vale do Rio São Francisco e de alguns de seus principais afluentes. Como nas demais áreas do sertão mineiro, esse desenvolvimento foi para alguns e não para todos e, os principais beneficiários foram, na maioria, colonos provenientes de outras partes do país por meio de programas de assentamento dirigido. Uma outra forma de transformação do território foi pautada na prática da silvicultura, principalmente de espécies de eucalipto e pinus voltados à produção de celulose, cujos impactos foram muito maiores do que os benefícios, visto que foi responsável pela morte de alguns rios e nascentes, devido à necessidade hídrica das culturas, incompatível com a disponibilidade de água no solo.

GEOGRAFIA E MEMÓRIA: A SOBREVIVÊNCIA DOS POVOS CERRADEIROS

No espaço rural os códigos da linguagem raramente variam, pois há uma identidade maior que integra as pessoas à sua história, costumes, linguagem e território.

Nas cidades, no entanto, esta identidade é fragmentária e organizada em guetos por afinidades. Não há mais um território ou uma política, tão pouco uma linguagem, que dê conta de interagir os povos e os interesses dos mesmos. O maior elo integrador é o sistema econômico e este produz atores protagonistas ativos, mas sobretudo, figurantes passivos e excluídos da encenação do capitalismo.

Atualmente, autores como Ariovaldo José de Souza Martins falam do “novo rural” no qual se percebe a interferência do capital financeiro e não mais a relação comercial de valor de uso e troca anteriormente vigente; modernas técnicas agrícolas que garantem a produção de determinados produtos o ano todo, mesmo que as condições climáticas não proporcionem tal feito; e também as chamadas biotecnologias, que alteram propriedades naturais de alimentos e pastos. Esta realidade explicita a introdução do urbano no rural e a confusão desses dois conceitos.

O efeito inverso também ocorre quando nos deparamos com a diversidade de grupos artísticos, que retomam a cultura rural nas composições musicais e danças tradicionais, seja em apresentações nos espaços públicos, universitários ou outros. Existe o público urbano que necessita resgatar a ruralidade diante da saturação do modelo urbano industrial, imposto por des-territorialidades sígnicas.

A estética ‘sertaneja’ quando deslocada para as cidades torna-se ‘country’, diante daquilo que Canclini chama de “cultura internacional popular” (1995, apud Barros, 2005, p. 63).

Porém, anterior ao capital o maior elo integrador da identidade de um povo é a língua. Ela que é uma estrutura de poder, para podermos comunicar a essência de sentimentos e abstrações faz-se necessário “trapacear com a linguagem” (BARTHES, 1999, p. 17), ou seja, propor metáforas que aproximem da realidade que se queria transmitir. No entanto, a mensagem sempre será uma representação, por mais coerente que pareçam os termos utilizados na escrita ou na fala, sempre haverá um abismo entre a palavra e o significado de sua expressão. Assim, no processo de ocupação do cerrado mineiro, não só a natureza foi agredida, mas também os seus habitantes, os povos do cerrado, os verdadeiros sertanejos, que tinham verdadeira paixão e respeito pela sua terra. Durante séculos, retiraram do cerrado recursos para alimentação, artesanato, utensílios, sempre de modo sustentável.

A intensa exploração econômica do cerrado trouxe efeitos colaterais indesejáveis, como a perda, para os geraizeiros, de suas fontes tradicionais de sustento, centradas no extrativismo e na agricultura de subsistência, e até mesmo de parte da sua identidade cultural.

Hoje, os cerrados, antes vastos espaços no centro do Brasil, encontram-se altamente modificados, sua biodiversidade é ameaçada pela expansão do modelo monocultor e

agroexportador; a estrutura do solo é quebrada e o processo de erosão muito acentuado, as pastagens encontram-se degradadas, os rios e reservatórios estão assoreados e os mananciais poluídos. Pouco se conhece do potencial do cerrado, o que representa um desafio para todos que se empenham na preservação desse importante domínio. Segundo Coutinho:

“Ver nos Cerrados apenas uma extensão de solos adequados à expansão agrícola é uma visão estreita e pobre, diante de todo o potencial que a natureza ali oferece. É uma insensatez destruir, em troca de algumas toneladas a mais de soja, toda uma flora e fauna que ainda mal conhecemos”. (Coutinho, 1992: 133).

Cabe aos geraizeiros valorizar a beleza do sertão mineiro, o cerrado. Seja em livros, músicas, ensaios, cada aspecto deve ser ressaltado, principalmente o aspecto humano de identidade social. A memória do sertão é construída, como reação ao intenso processo de ocupação e o sertanejo deve “cantar cada animal, cada planta e a beleza do sertão, com uma poética medieval, lamentando que aquele universo se extinga”. (BARROS, 2001, p. 101).

REFERÊNCIAS

AB'SABER, A. **Os Domínios de Natureza no Brasil**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

BARROS, José Barros. **Cultura e Comunicação nas Avenidas de Contorno em Belo Horizonte e La Plata**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005. 225 p. BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Literatura e memória – O Sertão de Ulysses Lins de Albuquerque. In: ALMEIDA, Ângela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli Napoleão. **De sertões, desertos e espaços incivilizados**. Rio de Janeiro: FAPERJ: MAUAD, 2001. p. 101-109.

BARTABURU, Xavier. **"O senhor tolere, isto é o sertão"**. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/caminhosdaterra/reportagens/161_sertao.shtml>. Acesso em Setembro de 2006.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1987.

CERRADO. Disponível em: <<http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./natural/index.html&conteudo=./natural/biomas/cerrado.html>>. Acesso em Setembro de 2006.

COELHO, Marco Antonio Tavares. **Rio das Velhas**: memória e desafios. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 186 p.

PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. **Ação do Estado e as transformações agrárias no cerrado das Zonas de Paracatu e Alto Paranaíba (MG)**. São Paulo. (Tese de doutorado). Universidade Estadual Paulista, 1990.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 624p.